

REFLEXÕES DOCENTES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ENSINO DE GEOGRAFIA E A REALIDADE SOCIAL E ESCOLAR DOS ALUNOS: UMA PROPOSTA POSSÍVEL?

Anderson Weber Pereira

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal de Pelotas
Professor de Geografia na Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus - Pedro Osório/RS
E-mail: andyweber20@hotmail.com

Rosangela Lurdes Spironello

Doutora em Geografia - Universidade de São Paulo
Professora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Pelotas
E-mail: spironello@gmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva discutir e refletir sobre a inserção dos indivíduos de nossa sociedade no ritmo desgastante do sistema capitalista em diversos aspectos a partir de reflexões geradas por uma atividade didático-pedagógica em sala de aula. Porém, aqui se vestiu as lentes do segmento Ensino de Geografia e, para tal, adotando a metodologia da Pesquisa-ação conforme Thiollent (2011), a referida atividade se desenvolveu com uma turma de nono ano da Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, localizada em Pedro Osório/RS. Os resultados permitiram não só os alunos refletirem sobre a sua posição na sociedade atual, mas discutir a respeito do conteúdo programático do assunto abordado e ter a possibilidade de pensar de modo alternativo práticas cooperadas e inclusivas que possam auxiliar a turma a angariar fundos para a confraternização de formatura ao fim do ano letivo. Além disso, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e refletir sobre a Economia Solidária como uma alternativa aos pressupostos capitalistas enraizados em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Conteúdo Programático Escolar. Sociedade Capitalista. Economia Solidária. Atividades Discentes.

TEACHING REFLECTIONS ON THE RELATIONSHIP BETWEEN GEOGRAPHY TEACHING AND THE SOCIAL AND SCHOOL REALITY OF STUDENTS: A POSSIBLE PROPOSAL?

ABSTRACT

This article aims to discuss and reflect on the insertion of the individuals of our society in the exhausting rhythm of the capitalist system in several aspects from the reflections generated by a didactic-pedagogical activity in the classroom. However, here we dressed the lenses of the Geography Teaching segment and for this, adopting the methodology of action research according to Thiollent (2011), this activity was developed with a ninth grade class of the Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, located in Pedro Osório/RS. The results not only allowed students to reflect on their position in today's society, but to discuss the programmatic content of the subject addressed and to be able to think in an alternative way, cooperative and inclusive praxis that could help the group to raise funds for the fraternization Graduation at the end of the school year. In addition, the students had the opportunity to know and reflect on the Solidary Economy as an alternative to the capitalist assumptions rooted in our society.

KEYWORDS: Education. School Program Content. Capitalist Society. Solidarity Economy. Students Activities.

INTRODUÇÃO

Começamos as explanações deste artigo, trazendo as contribuições de Freire (1996, p. 38):

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-critica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Inspirados nesta ideia ressaltamos que o presente artigo se origina de um amálgama de aprendizagens construídas no desenvolvimento das discussões da disciplina de Território, Economia e Aglomerações Competitivas¹ entrelaçadas com algumas reflexões a respeito do ‘ser professor de Geografia’.

Ainda, nos utilizamos de resultados e posterior análise de uma prática docente da disciplina de Geografia com uma turma de nono ano do Ensino Fundamental.

Este artigo ainda traz para discussão uma tentativa de por em prática uma máxima extremamente relevante em todos os segmentos do ensino escolar: aproximar os conteúdos programáticos estabelecidos, da realidade dos alunos, por meio de uma reflexão que objetive a transformação.

E nessa tentativa, unimos uma necessidade a duas possibilidades: a nossa necessidade se refere ao fato de trabalharmos teoricamente no Ensino de Geografia: características, objetivos e consequências do sistema capitalista para a sociedade desde o seu surgimento até uma ênfase aos dias atuais.

A primeira possibilidade na qual falamos, é o fato de que, na sociedade atual, a dinâmica dos pressupostos capitalistas se torna intrínseca a maioria dos indivíduos desde os seus primeiros contatos com o chamado mundo real.

Nesse contexto, conhecendo as consequências dessa dinâmica, entendemos que é papel da escola apresentar reflexões que levem a posteriores mudanças no que tange às problemáticas ocasionadas por este capitalismo parasitário (BAUMAN, 2010).

Um primeiro ensaio para tal, é proporcionar possibilidades concretas para que os indivíduos/alunos reflitam sobre o seu posicionamento. Se muitas pessoas já ‘nascem’ expostas aos

¹Disciplina ministrada pela Professora Doutora Giovana Mendes de Oliveira no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas.

moldes característicos do capitalismo na sociedade, é fato que muitos indivíduos atuam na sociedade priorizando os pressupostos capitalistas como filosofia de vida.

Logo, se torna evidente na sociedade atual o individualismo, a desigualdade, a busca pelo status social que o consumo atribui, dentre outros.

E nessa tentativa de demonstrar e oportunizar a reflexão de que muitas pessoas possuem seus atos e pensamentos condizentes com a dinâmica deste sistema, realizamos em sala de aula uma atividade que possibilita e instiga tal percepção.

Após essa reflexão frente à realidade, oportunizamos como pano de fundo uma discussão sobre os pressupostos da Economia Solidária como uma alternativa ao capitalismo a partir dos resultados e do andamento da atividade desenvolvida.

A segunda possibilidade a qual citamos acima, diz respeito a uma atividade relativamente costumeira realizada por uma turma de nono ano do Ensino Fundamental: uma confraternização de formatura.

Normalmente as turmas pensam em formas de antecipadamente começar a agregar capital para poder investir na já citada confraternização. Neste caso não seria diferente.

Aqui em específico, a atividade acordada inicialmente era de confeccionar carnês de pagamento mensal desde os primeiros meses para que ao final do ano letivo houvesse capital disponível para investir conforme o objetivo traçado.

Porém, sabendo da realidade socioeconômica do município no qual a escola se insere, o valor combinado para este pagamento poderia desencadear um déficit nas prioridades de investimento de algumas famílias em algum momento do ano.

Abordando os dados e a discussão levantada a partir da atividade desenvolvida, pudemos estar apresentando alguns pressupostos da Economia Solidária como possibilidade de trabalho cooperado com a finalidade então de angariar recursos (capital) necessários ao investimento a ser feito na confraternização da turma.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é demonstrar, discutir e refletir sobre a dinâmica capitalista vigente e dominante em nossa sociedade, a partir de uma atividade didático-pedagógica desenvolvida na escola.

Entendemos a atividade bem como as suas reflexões importantes, pois, é possível não só perceber o quão presente está em nós o pensamento e as ações baseadas nos pressupostos capitalistas, mas perceber que existem alternativas aos desgastes que este causa no padrão de vida e relações dos indivíduos de nossa sociedade.

Além disso, é interessante que toda e qualquer atividade (principalmente pedagógica) que une teoria e prática, reflexão e ação, abstração e realidade, seja difundida e compartilhada para que hajam discussões, inspirações e críticas sobre o assunto e principalmente sobre o trabalho docente. Entendemos isso como uma oportunidade de compartilhar saberes.

METODOLOGIA

O presente artigo desenvolve uma pesquisa qualitativa, que é entendido por Minayo (2012, p. 21) como aquela que devido ao seu nível de realidade “[...] não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Diante disso, o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa é a Pesquisa-ação, conceituado por Thiollent como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

Já no que tange a interpretação e discussão dos dados, nos utilizamos da abordagem dialética que, segundo Konder (2008, p. 7) pode ser entendida como “[...] a arte de, no diálogo, demonstrar uma tese por meio de uma argumentação capaz de definir e distinguir claramente os conceitos envolvidos na discussão”.

Inicialmente, a fim de sustentar as nossas discussões neste artigo, realizamos uma revisão de literatura, a qual fundamentou o assunto abordado.

Posterior a isso, mobilizados a trazer para discussão possibilidades que minimizem os desgastes impulsionados pelas relações capitalistas de nossa sociedade, confeccionamos e desenvolvemos com uma turma de nono ano da Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus uma atividade que se encontra detalhada adiante.

Os resultados bem como a dinâmica dessa atividade serviram para trazer a tona reflexões e a oportunidade de unir o conteúdo programático com a realidade dos alunos enquanto indivíduos em formação da nossa sociedade.

Além disso, pudemos dialogar com os alunos sobre possíveis alternativas de praxes² que contrariam o individualismo e competitividade típicos de nossa sociedade capitalista, com ênfase

² E para tal, nos utilizamos de atividades já desenvolvidas na própria escola, além do trabalho explanado por Velazquez; Oliveira (2003).

em formas de auxiliá-los em atividades que os ajudassem no angariamento de fundos para a organização da confraternização de formatura da turma.

O material cartográfico foi elaborado através do software Quantum Gis versão 12.1. Por fim, os resultados obtidos foram tabulados e discutidos.

ASAS DE LAGARTO, PATAS DE COBRA E RABO DE BORBOLETA: que ensino de geografia é esse?

Provavelmente, o leitor deve estar se perguntando nesse momento: que título é esse? Bem, compreendemos como necessário começar justificando a nossa colocação aqui.

Trazemos esse título para ilustrar algumas breves reflexões a respeito do que esperamos do Ensino de Geografia na escola e como o enxergamos, para que cumpra os seus objetivos educacionais.

No momento em que introduzimos esse artigo, falamos que a atividade balizadora desta comunicação envolvia Ensino de Geografia, alguns pressupostos da Economia Solidária e confraternização de formatura em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental.

É possível que de início, se pense: o que tem a ver uma coisa com a outra? Qual é o real nexo disso? Qual é a perspectiva do Ensino de Geografia em abordar o tema ‘confraternização de formatura’?

Logo, isso são asas de lagarto, patas de cobra e rabo de borboleta. Numa análise em primeiro plano, superficial, não tem como ser coerente. Ou no mínimo é algo a se desconfiar. Diante disso nos perguntamos: o que deve e pretende ser o Ensino de Geografia na escola?

Compactuamos com a reflexão de Kaercher quando este ao discutir o pano de fundo conservador do Ensino de Geografia o contraria nos dizendo:

Creio que a Geografia pode ser um instrumental valioso para elevar a criticidade de nossos alunos. Por tratar de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, a Geografia pode gerar um sem número de situações-limite, quebrando-se assim a tendência secular de nossa escola como algo tedioso e desligado do cotidiano (KAERCHER, 1998, p. 61).

Ainda, Velazquez; Oliveira (2003, p. 178) associando a realidade sociopolítica do século XXI ao ensino, e trabalhando possíveis alternativas dentro da realidade e cotidiano dos alunos destacam que diante do momento de diversas crises em que se vive atualmente, “[...] é tempo para a criação, para o novo e para a utopia”. É comum ouvirmos, (obviamente na maior parte das vezes de profissionais da Geografia) frases do tipo ‘A Geografia está em tudo’.

Com capacidade de interligar as informações através de uma leitura crítica, os geógrafos e professores de Geografia na maioria dos casos conseguem atestar que a Geografia realmente está em tudo: seja através da cadeia produtiva de algum objeto, através das causas e consequências de algum fenômeno. Enfim, sempre (ou quase sempre) é possível uma análise ou reflexão baseada na ciência e pensamento geográfico.

Mas então nos perguntamos: porque poderia gerar surpresa em abordarmos a relação Ensino de Geografia x características da sociedade atual x confraternização de formatura? Isso não faz parte da programação da escola e cotidiano/realidade dos alunos?

É necessário e possível interligar as situações concretas e programáticas com as oportunidades de cotidiano dentro do Ensino de Geografia. Nesse contexto, Kaercher (1998) traz um exemplo ao criticar aquele modelo tradicional positivista e despolitizado do Ensino de Geografia em que se pensa, por exemplo, na estrutura interna do planeta Terra sem nunca se quer relacionar o fato de que, nessa estrutura, através da mineração, temos a origem daquilo que nos veste (petróleo = plástico = tênis); ou ao local que você senta em muitos casos (minério = ferro = estrutura de uma cadeira).

Ou seja, aquilo que está intimamente interligado, quando abordado superficialmente pode ser visto como as asas de um lagarto, as patas de uma cobra ou o belo rabo de uma borboleta: não existe.

E isso vai ao encontro a grande crítica ao Ensino de Geografia tradicional: a abordagem estanque e desconectada representada principalmente pelo método mnemônico em que a criticidade, o discurso político e a ação são afastados da Geografia e substituídos por informações vazias e sem construção. Se as pessoas por si só fazem Geografia, porque afastar a realidade dos alunos da Geografia escolar?

Nesse sentido, fica muito claro o que queria alertar Lacoste (1988) com a diferenciação entre a chamada Geografia dos Estados Maiores e a Geografia dos Professores; aquilo que realmente representa a Geografia e aquilo que é levado aos alunos.

Porém, salientamos aqui que não é de nosso objetivo discutir as causas do Ensino Tradicional de Geografia nesse momento. Com isso, passaremos a discutir as nossas reflexões sobre o que esperamos do Ensino de Geografia.

Um dos principais, senão o principal objetivo do Ensino de Geografia é o desenvolvimento da criticidade. Nas explanações de Freire (1996), o autor nos diz que não existe uma ruptura na

diferença e na distância entre ingenuidade e criticidade. Ou seja, “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que nos tornamos parte” (FREIRE, 1991, p. 40).

Porém, o nosso mundo é um mundo em que o ser humano já nasce condicionado à alienação³, a lógica do capital. Com isso, essa ingenuidade oferece resistências à criticidade.

Nesse mesmo sentido, Cavalcanti:

A análise da função reprodutora da escola e da Geografia impede a conclusão de que os problemas da escola se resumem a uma questão de ineficiência, desta instituição e/ou do professor de Geografia. Aliás, essa análise permite compreender que a escola pode ser eficiente para determinados propósitos e que pode estar montada para funcionar exatamente da maneira como funciona (CAVALCANTI, 2007, p. 125).

Bauman (2010, p. 40) nos diz que a educação já enfrentou várias crises ao longo de sua existência, mas, a atual “[...] parece ser diferente daquelas do passado. Os desafios do presente desferem duros golpes contra a própria essência da ideia de educação”.

Ilustrando a manifestação acima, o autor traz uma reflexão sobre a sociedade atual calcada nos pressupostos capitalistas:

Nosso mundo lembra cada vez mais Leônia, a "cidade invisível" de Italo Calvino, onde "mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas, vendidas, compradas, a opulência... se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar a novas". A alegria de "livrar-se" de algo, o ato de descartar e jogar no lixo, esta é a verdadeira paixão do nosso mundo (BAUMAN, 2010, p. 40).

O autor se reporta claramente a situação do status social ofertado pelo consumo. Consumo este que agride o ambiente, que gera segregação e acúmulo de riqueza restrito, padronizações, e a eterna busca do oprimido em se tornar o opressor.

Criticando o Ensino de Geografia tradicional, Kaercher (1998, p. 71) destaca que naqueles moldes meramente informativos e desamarrados, a Geografia é sinônimo de imagem, de cartão postal e, com isso, traz a seguinte reflexão: “Mas para que Geografia, se a televisão fazia e faz isso de maneira muito mais agradável e dinâmica”?

³ Essa alienação reporta-se a relação lógica do "capital X educação", onde conforme Marx; Engels (2011, p. 14) "O modo de produção capitalista se caracteriza pela exploração; isto é, pela apropriação da força de trabalho. O capital se apropria da força de trabalho e a objetiva, a realiza a fim de gerar mais-valia. Trabalho produtivo é aquele que gera mais-valia. Ora, por ele mesmo o capital somente se apropria daquela força de trabalho que pode gerar mais-valia, procurando que toda força de trabalho esteja em condições de gerá-la. Esse "estar em condições de" é obtido através da qualificação com um ensino adequado. Mas, como só é possível realizar a exploração através do mercado, orienta a qualificação para aquelas atividades ou formas (no seio de uma atividade) que tem maior acesso e predicamento no mercado. O sistema de ensino é entendido, assim, como uma concreta qualificação da força de trabalho que alcançará seu aproveitamento máximo se conseguir também o ajuste e a integração dos indivíduos no sistema, única maneira de não desperdiçar sua força de trabalho, mas sim, aproveitá-la. Dito de outra forma: reproduz o sistema dominante, tanto a nível ideológico quanto técnico e produtivo".

Dessa forma, o Ensino de Geografia deve enxergar cada movimento, cada possibilidade, como uma oportunidade.

O Ensino de Geografia deve dar luz ao cotidiano já que, os conteúdos programáticos, nada mais são do que os fenômenos vividos pela própria sociedade. E a partir daí, aquelas oportunidades de intervenção, interpretação e reflexão crítica da realidade naturalmente irão se erguer.

Sobre isso, Callai nos diz que

[...] a escola, o cotidiano e o lugar apresentam-se como conceitos básicos a serem trabalhados na aula de geografia. Mas eles são mais do que conceitos à espera de serem trabalhados. São a referência para fazer o ensino e a aprendizagem na geografia. Nesse rumo, a geografia, como conteúdo curricular escolar, possibilita a interligação da escola, por meio dos conteúdos curriculares, com a vida, considerando que a aprendizagem escolar pode ser a forma de permitir que a criança se reconheça como sujeito de sua vida, de sua história. Diante disso, é interessante abordar cada um destes conceitos na perspectiva em que são considerados na geografia e na instituição escolar, e como podem ser transformados em aprendizado significativo por parte do aluno (CALLAI, 2010, p. 26, grifo da autora.).

A autora ainda complementa ressaltando a importância dessas considerações para o ensino:

[...] a escola é a instituição na qual a criança amplia suas relações com seus iguais; o *cotidiano*, por permitir que as novas aprendizagens sejam interligadas com a vivência que cada um traz, considerando, assim, o conhecimento que o aluno tem; o *lugar*, por ser o espaço que permite a cada um, saber de suas origens e construir sua identidade e pertencimento (CALLAI, 2010, p. 26, grifo da autora).

Reforçando a ideia da vivência que o cotidiano possibilita, Freire avigora a necessidade de enfatizar e dar luz a chamada ‘bagagem do aluno’, destacando a seguinte situação:

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? [...] Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferí-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (FREIRE, 1996, p. 15).

Foi também contrariando essa ideia que pensamos a prática que baliza esse artigo. No intuito de demonstrar que o conteúdo programático faz sentido e está na nossa vida, possibilitando a reflexão dos atos e posicionamentos capitalistas dos grupos ao longo da atividade.

Conforme já nos disseram Velazques; Oliveira (2003): é tempo de utopia. Atividades críticas e reflexivas, emancipatórias e transformadoras para o Ensino de Geografia exigem utopia e reflexões por parte de todos os envolvidos. Foi isso que buscamos e nos balizamos para este momento.

ECONOMIA SOLIDÁRIA NA ESCOLA: uma discussão para além da economia

Sabemos que nestas últimas décadas a Economia Solidária vem se fixando principalmente no cenário latino americano como uma possibilidade concreta, real e alternativa que contraria ao padrão capitalista de produção e relações de trabalho, atuando em todas as esferas de pensamento, preparação, posicionamento e relações sociais.

E é com base nessa premissa que Gadotti (2009) traz a Economia Solidária como o embrião para uma nova sociedade. De acordo com o autor, já faz algumas décadas que a Economia Solidária ganha força no cenário global, mas, a incapacidade dos governos e da economia oficial de reconhecer uma força como esta ainda lhe conferem adjetivos como subterrânea ou invisível.

Acreditamos que tornar a Economia Solidária e seus pressupostos o mais ocultos possíveis não seja incapacidade, mas objetivo do modelo atual, já que esta é vista como uma alternativa à dinâmica do capitalismo na sociedade.

Na América Latina, ainda conforme Gadotti (2009) são várias as formas de trabalho baseadas nos pressupostos e valores da Economia Solidária, onde o autor traz para discussão os moldes de vários projetos em andamento.

Dentre esses, a título de ilustração, o autor enfatiza o projeto para os países da América Latina, o qual foi chamado de Fator C: “[...] cooperação, co-responsabilidade, comunicação, comunidade, elementos constitutivos das organizações econômicas populares, cujas palavras começam com a letra C” (GADOTTI, 2009, p. 19).

Este projeto foi baseado em dois eixos envolvendo inicialmente a organização popular comunitária, e a seguir, uma economia popular da solidariedade, enfatizando não só as raízes sociais e culturais locais, mas tornando o trabalho respeitoso e equilibrado com as possibilidades e limites do ambiente (nas esferas social, cultural e natural).

Logo, já se pode perceber uma contrariedade ao formato desigual e degradante do sistema capitalista, desde o cerne dos padrões de desenvolvimento do trabalho até a gestão, relações e finalidades gerais.

Falamos nas finalidades porque se deve tomar muito cuidado ao pensar a Economia Solidária, já que conforme as explanações anteriores, a mudança deve se fazer em todas as etapas do trabalho: na organização, na gestão, nos resultados e objetivos. Conforme as explanações de Velazques; Oliveira a Economia Solidária:

[...] apresenta-se como uma alternativa à globalização” e sua dinâmica de flexibilização do capital e do trabalho. [...] Logo, se o trabalho na economia solidária for desenvolvido para

atingir níveis de lucratividade nos moldes capitalistas estaremos mudando só a forma, mas não o conteúdo. Portanto, os resultados serão os mesmos níveis cada vez maiores de desigualdades (VELAZQUES; OLIVEIRA, 2003, p. 178).

“Construir uma Economia Solidária é construir uma cultura solidária; valorizar o ser e não o ter” (VELAZQUES; OLIVEIRA, 2003, p. 181). Diante dessa afirmação podemos entender a Economia Solidária como algo que “[...] não se resume a um **produto**, a um objeto. Ela se constitui num sistema que vai muito além dos próprios empreendimentos solidários. Ela é, sobretudo, a adoção de um **conceito**” (GADOTTI, 2009, p. 24. Grifo do autor).

A Economia Solidária contraria a lógica do capital defendendo a desmercantilização do processo econômico, a desigualdade econômica e as relações de trabalho, trazendo nos seus pressupostos valores como a sustentabilidade, a solidariedade, a alteridade, o desenvolvimento humano, a sensibilidade e o cooperativismo (GADOTTI, 2009).

A inclusão social, respeito à diversidade de orientações e gêneros, igualdade e equidade, são outros dos principais valores presentes na Economia Solidária já que, como uma alternativa a construção de novas oportunidades e possibilidades, também traz novas chances àqueles que estão oprimidos na sociedade atual.

Um investimento solidário envolve os mais diversos ramos, profissionais e segmentos numa verdadeira proposta interdisciplinar, em que todos exploram o seu melhor em prol do bem viver⁴ da comunidade (GADOTTI, 2009). Ou seja, se consideram as competências e habilidades dos participantes sem lhes concernir status.

E é nessa perspectiva que a Economia Solidária é entendida como:

[...] uma nova maneira de nomear, conceituar e interconectar muitos tipos de valores econômicos transformadores, práticas e instituições que existem em todo o mundo. Ela inclui, mas não é limitada pelo consumo socialmente responsável, trabalho e investimento; cooperativas de trabalhadores, consumidores, produtores e credores; empreendimentos solidários, sindicatos progressistas, empreendimentos comunitários, microcrédito e cuidado com o trabalho não pago. A economia solidária trata ainda de unir essas diferentes formas de economia transformadora numa rede de solidariedade: solidariedade com uma visão compartilhada, solidariedade com a troca de valores, a solidariedade com os oprimidos (GADOTTI, 2009, p. 24).

Poderíamos citar vários valores enfatizados pela Economia Solidária bem como trazer para discussão, várias de suas virtudes. E é por esses valores que a Economia Solidária está extremamente ligada aos pressupostos de uma Educação Transformadora e Emancipatória.

⁴ Esse conceito se refere ao viver bem, ter uma relação harmônica no ambiente. Ressaltamos que compreendemos o ambiente como uma interrelação sistêmica entre sociedade, cultura e natureza (MÁXIMO-ESTEVES, 1998). Ou seja, um ambiente equilibrado não é só aquele cujos elementos da natureza estão preservados, já que se, por exemplo, nesse ambiente há uma exploração do ser humano sobre outro ser humano, há hostilidade, há desequilíbrio.

Conforme Freire

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 1987, p. 29):.

Diante disso, entendemos como de suma importância que a escola adapte cada vez mais a sua proposta para trazer a tona as reflexões e possibilidades que compõem o cerne dos pressupostos e valores da Economia Solidária.

Na escola, uma forma de começar é, inicialmente, trazendo reflexões e práticas que estimulem essa forma de pensar, agir e se organizar. Que seja inicialmente abordando as oportunidades mais simples possíveis, mas que a escola e o ensino auxiliem os alunos a pensar alternativas que considere e inclua a realidade da comunidade a qual estão inseridos. Que se pense os limites e possibilidades de ir além com equidade. Enfim, que se propague somente a exploração daquilo que temos de melhor, por nós e para todos.

O primeiro passo, entendido por nós, foi o que tentamos com esta prática: demonstrar que somos na maioria multiplicadores da ideologia capitalista e também responsáveis pelas desigualdades que alienadamente reafirmamos e reproduzimos ignorando-as. Além disso, refletir sobre como inserir de modo possível, aquilo que representa a Economia Solidária confrontando este degradante modelo que nos inserimos atualmente.

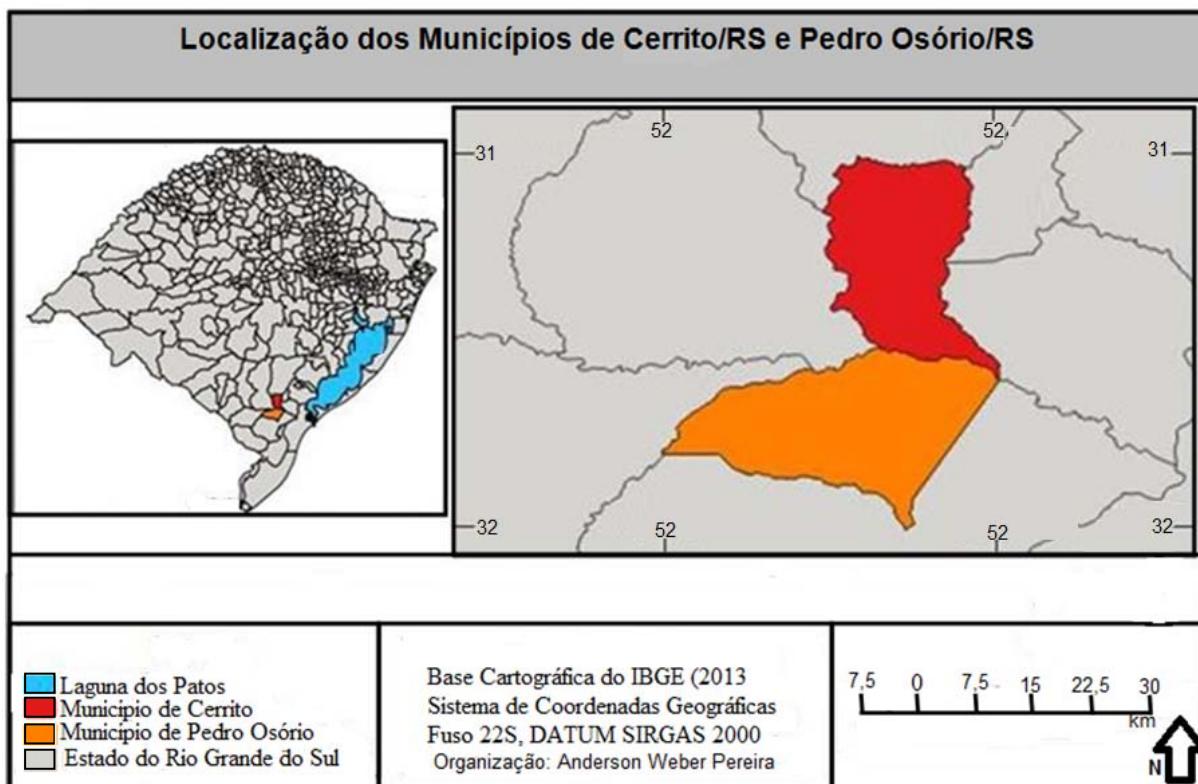
40

BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A presente proposta foi planejada e desenvolvida com uma turma de nono ano da Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus em Pedro Osório/RS. Os alunos dessa turma advém dos municípios de Pedro Osório/RS e Cerrito/RS, sendo estes dois, municípios do sudeste do estado, localizados na Microrregião de Pelotas/RS.

Os alunos advêm destes dois municípios devido à proximidade geográfica e cultural de ambos os municípios (até 1997 o território era um só, ou seja, os dois municípios formavam apenas Pedro Osório/RS), cortados pelo Rio Piratini, que representa a fronteira entre os municípios (IBGE, 2016). A Figura 1 demonstra a localização destes municípios no estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1 – Localização dos municípios onde residem os alunos da escola.



O município de Pedro Osório/RS conta com uma população de 8.011 habitantes enquanto que Cerrito/RS tem sua população estimada em 6.481 habitantes (IBGE, 2016).

A Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus é uma instituição filantrópica recentemente vinculada a UNESCO⁵, contando com aproximadamente duzentos alunos. Esta escola possui uma política abrangente no quesito bolsa de estudos, já que mais de cinquenta por cento dos alunos é bolsista e, que a maioria possui esta modalidade no formato integral (sem custos econômicos).

A escola se localiza na divisa com o município de Cerrito/RS e isso contribui para o fato de seus alunos serem residentes destes dois municípios. A Figura 2 ilustra a localização da escola. A turma cuja atividade se desenvolveu conta com um total de treze alunos provenientes de ambos os municípios.

⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Figura 2 – Localização da Escola Sagrado Coração de Jesus (imagem apresenta parte de ambas às cidades).



Fonte: Autores (2015).

DA ATIVIDADE: apresentação

Quando falamos de uma sociedade calcada nos pressupostos capitalistas, falamos diretamente da nossa sociedade. Logo, incluímos os nossos alunos como parte desta. Assim, as perguntas que motivaram grande parte do desenvolvimento da nossa atividade foram: como mostrar/provar para os nossos alunos que eles, sendo parte dessa sociedade, tem na sua formação essa influência? Como associar a atividade e sua dinâmica com os conteúdos programáticos, cotidiano dos alunos e o tema aqui debatido?

Para responder a estas perguntas é necessário que primeiro expliquemos o planejamento da atividade.

DA ATIVIDADE: sistematização

A atividade contou com a utilização de dois jogos quebra-cabeça com sessenta e duas peças cada. Além disso, foi utilizado um total de dois reais, divididos em quarenta moedas de cinco centavos.

Um dos jogos quebra-cabeça continha em todas as suas peças a letra *A* gravada na sua parte traseira, enquanto o outro continha o número *1*.

A turma foi dividida em três grupos e as peças do jogo quebra-cabeça foram, assim como o dinheiro, agrupados em três envelopes diferentes. De imediato, foi distribuído um envelope para cada grupo. O quadro 1 mostra a divisão dos envelopes para os respectivos grupos:

Quadro 1 – Quantidade de peças e dinheiro distribuído a cada grupo.

	GRUPO 1 (ENVELOPE 1)	GRUPO 2 (ENVELOPE 2)	GRUPO 3 (ENVELOPE 3)
N° DE PEÇAS DO JOGO QUEBRA-CABEÇA	45 peças	39 peças	40 peças
QUANTIDADE EM DINHEIRO	R\$ 0,60	R\$ 0,75	R\$ 0,65

Fonte: Autores.

Com os grupos já organizados e os envelopes distribuídos, foi dada a seguinte orientação: dentro dos respectivos envelopes, há uma quantidade de matéria-prima (peças do quebra-cabeça) e o dinheiro (moedas). Cada grupo terá de se utilizar das condições que tem para confeccionar um produto a ser lançado no mercado. Os grupos têm a liberdade de tomar a decisão que lhes for conveniente para cumprir seus objetivos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do momento em que os grupos descobriram o que era a sua matéria-prima e quanto era o seu capital disponível, passaram a montar estratégias para traçar e chegar a um objetivo. O primeiro passo foi averiguar a matéria-prima para pensar que caminho seguir até o produto final.

Na primeira etapa, os grupos pensaram suas estratégias de forma parecida. Segundo um aluno: “*do total de peças, analisemos se estamos com maior número aquelas que possuem letras ou números. Se tivermos com uma quantidade maior de peças com letras (e vice versa), utilizamos as*

peças que possuem números como um excedente de matéria-prima, ou seja, como moeda de troca para aquilo que objetivamos”.

Porém, havia um fato que gerava estranheza entre os grupos: porque o grupo vizinho possui peças indicadas com letras e números, tal qual o nosso grupo? E foi nesse exato instante que os grupos passaram a perceber que, todos tinham ao mesmo tempo, um pouco daquilo que necessitavam.

Considerando que os grupos eram livres para tomar as decisões que lhes fossem convenientes, havia dois caminhos possíveis para cumprirem a atividade: um deles era a união entre os grupos, em que teriam não só produtos prontos a partir do trabalho sobre a matéria-prima, mas um capital conjunto para investir em suas atividades; o outro caminho era se apossar daquilo que o capitalismo prega e negociar entre si, gerando desequilíbrios e desigualdades em busca do lucro.

Os grupos nem se quer cogitaram a hipótese de trabalhar conjuntamente cooperando entre si. E com isso, iniciaram-se as negociações.

Nesse momento, conseguimos mostrar aos alunos que, como parte da sociedade capitalista atual, nossos atos e pensamentos condizem com tal, a partir do momento em que os grupos partiram rumo à conquista individual do poder econômico.

As comercializações, inicialmente, envolveram a troca de matéria-prima entre os grupos em que, uma negociação entre o grupo 2 e o grupo 1, fez com que o grupo 2 desse um enorme salto rumo a confecção do seu produto.

Em seguida, o grupo 2 percebeu que necessitava de mais matéria-prima e logo investiu parte do seu capital, comprando do grupo 1 e realizando posteriores trocas com o grupo 3.

Nesse momento, o grupo 1 teve um aumento no seu capital, mas, a matéria-prima acumulada com as negociações se contradizia: havia um número muito próximo de peças com números e letras. Isso os afastava de concluir a confecção do produto – objetivo inicial do grupo.

Já o grupo 3, necessitava de mais matéria-prima daquelas peças marcadas com números, já que foi essa qualidade de peças que eles possuíam em sua maioria desde o início da atividade.

Diante disso, o grupo 3 realizou trocas de matéria-prima com o grupo 2 novamente.

O grupo 2, após esta última negociação, chegava próximo de concluir o seu produto e com isso, investiu o seu capital comprando matéria-prima do grupo 1 (peças com letras) para assim, confeccionar o seu produto.

Com isso, o grupo 2 chegava ao objetivo traçado confeccionando o seu produto.

Já o grupo 1, por sua vez, abriu mão de confeccionar um produto para concorrer com os demais e, decidiu então, vender toda a matéria-prima que possuíam para o grupo 3, que também pode concluir a confecção do seu produto.

Assim, os grupos 2 e 3 concluíram a confecção dos seus produtos, enquanto que o grupo 1 inicialmente por erro, e posteriormente por opção, abriu mão de sua matéria-prima e consequente confecção de seu produto.

Dessa forma, a todo o momento se recorreu a algumas das principais características do capitalismo abordadas durante a etapa teórica de discussão do assunto: concorrência, lei da oferta e da procura e objetivo de lucro.

Visivelmente, visando ganhos pessoais nas negociações, ao término da atividade a situação dos grupos evidenciava o individualismo e certo desequilíbrio na situação econômica destes, que não haveria caso o primeiro caminho daqueles citados fosse tomado.

A Figura 3 A, B, C e D traz alguns registros efetuados no momento das atividades, decisões e negociações entre os grupos.

Figura 3 – Grupos efetuando suas negociações e estratégias durante a atividade.



Fonte: Autores (2015).

A fim de sintetizar o andamento da atividade, o quadro 2 a seguir demonstra um balanço comparativo dos grupos quando iniciaram a atividade e após o seu término:

Quadro 2 – Comparativo entre o início e o fim da atividade

	MATÉRIA PRIMA INICIAL	MATÉRIA - PRIMA FINAL	CAPITAL INICIAL	CAPITAL FINAL
GRUPO 1	45 peças	- Sem Produto	R\$ 0,60	R\$ 1,75
GRUPO 2	39 peças	62 peças Produto Pronto	R\$ 0,75	R\$ 0,20
GRUPO 3	40 peças	62 peças Produto Pronto	R\$ 0,65	R\$ 0,05

Fonte: Autores (2015).

O quadro, portanto, representa um balanço da situação dos grupos, realizado ao fim da atividade.

Conjuntamente a essa análise foi realizado um debate não só sobre as medidas e possibilidades de trabalho realizadas pelos grupos, mas, uma tentativa de ligar aquilo que é debatido com o conteúdo programático e a realidade.

Inicialmente, foi enfatizado sobre as possibilidades de trabalho dos alunos. Constatando que houve ao final da atividade uma desigualdade entre as condições dos grupos, o debate girou em torno das características e objetivos da Economia Solidária e cooperativismo.

É óbvio que ao investir na confecção de um produto, haverá baixa no capital do grupo. Afinal de contas, o investimento a princípio seria compensado com o produto no mercado. Mas o que foi chamado à atenção foi à busca por acúmulo de capital através da possibilidade do lucro. Esta foi condição unânime na escolha das estratégias iniciais dos grupos.

Dessa forma se comprovou a essência capitalista a qual possuímos enquanto indivíduos da nossa sociedade. E foi nesta oportunidade que entrou a apresentação e explanação da Economia Solidária como alternativa à situação evidenciada, que ilustra as relações capitalistas de nossa sociedade. Obviamente que até aqui, nenhuma ação real com base nesses pressupostos se concretizou, mas, o conhecimento sobre a existência de uma alternativa aos ditames do capitalismo bem como as reflexões que a acompanham, foram oportunizadas aos alunos.

Após, o debate rumou àquelas discussões que o conteúdo programático abordou ao longo do tema. E ilustrando as discussões, foram levantadas algumas hipóteses (em partes fantasiosas) trabalhando com os dados gerados na atividade:

- A primeira dizia respeito ao fato de que, por exemplo, se os produtos criados pelos grupos 2 e 3 não fossem aceitos no mercado consumidor, estes não teriam fundos para suprir tamanho investimento, já que o capital investido no produto foi mais que o dobro do que o capital existente em caixa. Dessa forma, haveriam duas saídas: declarar falência e vender parte ou toda a empresa ou ainda, adquirir capital emprestado do grupo 1 e se submeter a empréstimos com uma alta taxa de juros;
- Também se debateu, em relação à primeira hipótese, sobre a importância do Estado na economia, já que entre estes grupos haveriam possíveis déficits. Isso porque se aborda neste tema intervenções do Estado que alavanquem a economia e consequente prosperidade do capital privado;
- Discutimos também sobre a formação de truste, cartel e holding, já que seria possível numa outra suposição a formação de monopólio (com o alto capital assegurado pelo grupo 1 e consequente crise dos grupos 2 e 3) ou oligopólio, com a junção entre empresas para dominar o mercado;
- Por fim, discutiram-se as causas de uma crise econômica, já que, se o capital acumulado se mantiver imobilizado nas mãos de poucos, sem investimentos, sem circulação, a economia também para, e com isso, os investimentos cessariam e o lucro de instituições financeiras aumentaria. Com base nisso, debateu-se brevemente sobre a globalização, onde a divisão internacional do trabalho chama a participação do globo, mas, mantém o capital concentrado nas mãos de poucos e nos mesmos locais de outrora.

Continuando, após conhecer a dinâmica da Economia Solidária e seus pressupostos, o debate rumou às atividades da turma para a realização da confraternização de formatura.

Nessa dinâmica de discussão, ao abordar a situação financeira da população de Pedro Osório/RS e Cerrito/RS (explanada na introdução) os alunos foram convidados a refletir sobre o quão inclusiva e facilitadora realmente era a atividade inicialmente pensada pela turma na perspectiva do planejamento e, de fato, se pode concluir negativamente sobre o método de angariamento de fundos planejado.

Assim, os alunos foram desafiados/convidados a pensar em alternativas de trabalho conjunto que, por meio da cooperação pudessem estar adquirindo o capital necessário para a confraternização.

Para tal, foram abordadas e cogitadas várias formas e metodologias possíveis de se conseguir realizar os seus objetivos sem ser excludente, sendo solidário.

Porém, como base central para inspiração nos utilizamos da ideia do projeto de Velazquez; Oliveira (2003), que aliaram teoria e prática, produzindo e comercializando rabanetes com alunos de uma escola em Porto Alegre/RS. Além disso, a atividade desenvolvida pelas autoras é de acordo com a cultura da comunidade de onde os alunos advêm.

Como ponto positivo, há na Escola Sagrado Coração de Jesus espaço físico suficiente e pessoas capacitadas para orientação de, por exemplo, a cultura de hortas orgânicas em mandalas.

Ainda abordamos as atividades de uma turma de alunos que no ano de 2015, trabalharam conjuntamente, chamando a comunidade para a escola através de atividades que tinham por finalidade angariar fundos para a reforma de banheiros.

Podemos constatar, portanto, que além de uma ótima atividade se bem gerida e a ideia compreendida é possível sua realização. Assim chegamos à conclusão que em tempos de utopia, asas de lagarto, patas de cobra e rabos de borboleta é possível de enxergar se realmente acreditarmos e fizermos por onde existir.

O cotidiano nem sempre é o estar na rua, fora da sala de aula. Precisamos de abordagens que extrapole as dimensões físicas da sala de aula e se utilize desse laboratório que é o espaço, mas, precisamos saber mesclar e dosar a precisão das abordagens em todas as possibilidades, nos utilizando de uma mesma realidade.

Em tempos de utopia a semente foi plantada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo optamos por aliar teoria e prática para dar sustento a uma reflexão que poderá sim ser transformadora para estes alunos. Isso porque, a partir do momento que um dos alunos da turma não conseguir pagar o seu carnê mensal, a organização do trabalho seria excludente e individualista.

Logo, a inclusão, a solidariedade, o cooperativismo e a alteridade são valores adotados se, por ventura, a turma considerar as reflexões e considerações que a atividade permitiu no que tange a organização da confraternização de formatura da turma.

Acreditamos que conseguimos aliar Ensino de Geografia ao cotidiano dos alunos de forma crítica, a partir do momento em que pudemos discutir teoria, associando a uma atividade que vem sendo e será debatida pela turma.

Essa atividade poderá ser transformadora a partir do momento em que os alunos refletirem sobre a necessidade da inclusão e solidariedade a partir da cooperação.

Enfim, esse é o Ensino de Geografia que acreditamos e que esperamos que se consolide: que seja abrangente teoricamente e que considere as coisas simples ‘da vida’ sem ser maçante, mas que ao mesmo não seja ocioso; que seja crítico, que traga possibilidades e reflexões, que nos ajude a nos situar e que nos leve a enxergar as nossas contribuições para com a sociedade; que nos leve a ser utópicos e mais abrangentes em relação ao todo.

Acreditamos que a missão foi cumprida temporariamente, já que conseguimos oportunizar reflexões e percepções por parte dos alunos na sociedade atual e mais do que isso, mostrar que existem alternativas para as problemáticas debatidas.

Por fim, acreditamos que o ensino de maneira geral, pode sim ser crítico aproveitando a oportunidade de estar ao lado dos alunos e atuando conjuntamente com estes nas atividades mais simples e corriqueiras de seus cotidianos. Esta é uma excelente forma de aliar escola e realidade objetivando a transformação nos alunos.

Encerramos, por ora, as nossas explanações com aquela colocação que foi a inspiração para este trabalho: é tempo de utopia (VELASQUEZ; OLIVEIRA, 2003). O ensino exige utopia.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- CALLAI, H. C. Escola, Cotidiano e Lugar. In: BUITONI, Marília Margarida Santiago (Org.). **Geografia: ensino fundamental** [coleção explorando o ensino volume 22]. Brasília: MEC, 2010.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 10º Ed. Campinas/SP: Papirus, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Política e Educação: ensaios**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- GADOTTI, M. **Economia Solidária como Práxis Pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- IBGE. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: março de 2016.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de geografia**. 2º Ed. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 1998.

KONDER, L. **O que é Dialética**. 28ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

LACOSTE, Y. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas/SP: Papirus, 1988.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos Sobre Educação e Ensino**. Campinas/SP: Navegando, 2011.

MÁXIMO-ESTEVES, L.. **Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história**. Porto: Porto Editora, 1998.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31º Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012. p. 9 – 30.

THIOLLENT, M.. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VELASQUEZ, H.; OLIVEIRA, G. M. Educação Para o trabalho Solidário: alternativas para o desemprego e educação. In: REGO, N. et al. (Org.). **Um Pouco do Mundo cabe nas Mão: geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 177 – 188.